

PORQUE MEU FILHO É TÃO DIFERENTE ASSIM DE MIM?

O que na relação parental nos facilita o entendimento de nosso Pai Celestial?

Escrito por:

Paulo Henrique Nogueira Lima

(Diácono da ICEU)

Assim como no artigo, “a criança interior”, esmiuçamos todos os valores e sentidos ocultos na imagem da criança, descobriremos agora na relação pai e filho o rico tesouro de interpretações que nos levará a uma maior proximidade de compreensão da nossa relação com o pai celestial.

A primeira coisa interessante a se pensar é que um filho não conhece o seu pai assim como o seu pai não conhece o seu filho. No seu lugar, o filho desconhece toda a concretude da realidade vivida por seu pai até chegar ali onde este está agora. Da mesma forma o pai, idealiza o filho ainda antes do seu nascimento, espera que esse siga os seus passos e acredite e defenda as mesmas ideologias que este acredita e defende. Mas ao nascer, a grande surpresa de um pai é, “como um filho meu pode ser tão diferente assim de mim?”. O filho, geralmente, não só não acredita nos mesmos posicionamentos políticos, ideais e ideológicos do pai, como frequentemente defende a posição contrária dele. O filho se apresenta então como um sonho frustrado, “eu esperava ser um herói para aquele garotinho mas hoje em dia eu sou o vilão em sua cabeça”. Mas não se assuste você caso isso aconteça em sua relação familiar. Essa disputa entre pai e filho é mais antiga do que o próprio tempo e não vem a toa.

Segundo a mitologia grega, o primeiro pai e o primeiro filho do mundo fora Kronos e o seu filho Zeus. Kronos, pelo medo que sentia de que seus filhos o matassem no futuro, devorava – os e engolia-os para que esses não o ameaçassem no futuro. Foi então que Zeus, seu filho, rei dos deuses gregos, sobreviveu ao seu pai e o matou. O que temos que tirar dessas alegorias gregas são o seu sentido metafórico e simbólico, assim como as parábolas de Jesus.

“Toda mitologia pagã, na realidade, não passa de um vasto quadro alegórico dos diversos lados bons e maus da humanidade. Para os que procuram seu espírito, é um curso completo da mais alta filosofia.”

(Allan Kardec; “A gênese”)

Uma primeira interpretação que podemos tirar aqui dessa alegoria é a de que, Kronos, que traduzindo significa “tempo” (daí a palavra CRONometro, CRONOlogia, etc), devora todos os seus filhos, ou seja, ninguém sobrevive ao tempo, todos nós seremos “devorados” por ele. Outra interpretação é a de que o primeiro filho que sobrevive ao tempo é Zeus. Este é portador do raio iluminador e revelador, símbolo do Logos que é o Verbo (“No princípio era o Verbo”). O principal representante do Verbo e de Zeus é Jesus, o portador da verdade. Ou seja, o único que sobrevive ao tempo é a verdade. (Para mais informações sobre a relação entre Zeus, Jesus, o Verbo e Logos leia a Iceu News edição de Fevereiro, no artigo “No princípio era o *Logos*: O verdadeiro sentido de JOÃO 1:1”).

Kronos, o tempo, é sempre representado segurando uma foice, usada na lavoura. E seu filho Zeus é o portador do raio revelador. Ou seja, o logos que também é chamado de Zeus, é na realidade um processo, o processo de se chegar à Verdade. O Logos (o Verbo) já foi traduzido como colheita, e está ligado ao processo da colheita. Esse é um processo que exige atenção para escolher o melhor lugar pra se plantar, paciência para esperar o tempo certo de germinar, cuidado durante o crescimento, zelo durante a colheita. Ou seja, depois de todo esse processo do Logos, virá o fruto da verdade.

Resumidamente, a verdade (Zeus) não só não morre com o tempo (Kronos), mas ela nasce a partir dele. Ela se constrói nele e se fortifica com ele. (Para maiores informações sobre essa relação da colheita com o verbo, Jesus e a Verdade, leia o artigo da Iceu News de Fevereiro “No princípio era o *Logos*: O verdadeiro sentido de JOÃO 1:1”)

A repentina aceleração do crescimento populacional gerou o aumento da agressividade e afrouxamento dos laços afetivos, mas isso não significa que houve necessariamente uma piora na qualidade das relações humanas. O fato das famílias antigas se relacionarem mais, terem hábitos de fazer as refeições sempre juntos não implica dizer que se relacionavam melhor. É possível que mesmo se relacionando mais do que as famílias atuais, o que vemos é que atualmente emergia nas relações familiares uma maior abertura para um diálogo horizontalizado, ou seja, sem o autoritarismo presente nas famílias antigas. Ou seja, nas famílias de hoje um filho tem a liberdade de expressar a sua opinião, mesmo que essa seja contrária a de seu pai, e ambos podem dialogar sobre o tema buscando um consenso. Isso seria impensável nas famílias de 50 anos atrás. Então podemos deduzir que uma família que se relaciona mais não obrigatoriamente se relaciona melhor. Essa mudança repercuti diretamente na imagem que temos do nosso pai Celestial.

Atualmente é possível conceber um Deus amoroso, que está aberto para receber os nossos defeitos e que não é autoritário, vingativo e rancoroso como o do antigo testamento. Porém essa nova imagem de ainda Deus é extremamente nova, tanto que ainda está fortemente enraizada essa primeira noção de um Pai maior que pune os seus filhos, os castiga, reprimi e até os devora. Vemos essa resistência presente na sociedade quando inúmeras religiões ainda se mantêm fixadas nessa noção de um Deus déspota.

Bom, concluindo, vemos que a maneira como enxergamos nosso pai terreno está intrinsecamente associada a maneira como lidamos com nosso Pai Celestial. Vemos que no passar dos anos, a dinâmica entre pai e filho, que na origem era marcada pelo sentimento de ameaça que um causava ao outro, está se aproximando cada vez mais da realidade do amor universal. Porque o tempo é pai da Verdade e ela não definha com o passar dos anos, mas se fortifica neles.